

Visita de Mandela gera debate sobre racismo

FSP

JOSÉ ARBEX
Da Reportagem Local

5/8/91

Você é racista? Quantas vezes você refletiu seriamente sobre isso? Nos últimos dias, muita gente se colocou esta questão, talvez pela primeira vez na vida. A razão: o líder negro sul-africano Nelson Mandela, 73, está no Brasil desde o dia 1.º com sua mulher, Winnie.

Mandela é o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), a mais importante organização de luta contra o regime de segregação racial (apartheid) na África do Sul. O líder negro propõe uma sociedade não racista e não sexista.

A visita de Mandela é muito importante para o Brasil por provocar reflexões sobre o racismo, tema normalmente "esquecido". Aqui, a minoria branca, que concentra a riqueza, alimenta hábitos e atitudes racistas que, na maioria das vezes, não são explicitados.

É verdade que as leis brasileiras proíbem o racismo. Mas os exemplos de sua prática multiplicam-se no cotidiano —o estereótipo do negro delinquente e preguiçoso, a sua inexpressiva participação no Congresso Nacional e no Executivo.

Como no Brasil, a minoria branca da África do Sul concentra a riqueza. Mas ali o racismo foi transformado em lei, que vigorou

plenamente até fevereiro de 1990. É difícil descrever o apartheid. Basta pensar que em raras ocasiões negros e brancos puderam ocupar os mesmos espaços (escolas, clubes, restaurantes).

Mandela diz que o apartheid ainda vigora, sob muitos aspectos, na vida prática. Ainda que os pilares do regime tenham sido abolidos —afirma Mandela—, muitas instituições mantêm a segregação racial.

Em sua juventude, Mandela defendia a luta armada e "flertava" com o Partido Comunista. Foi preso em 1963, e tornou-se símbolo da luta contra o racismo. A campanha internacional por sua libertação ajudou a isolar a África do Sul. O país foi submetido a um amplo boicote econômico e político.

Mandela acha que o boicote internacional deve continuar, pelo menos até que a legislação sul-africana aprove um sistema eleitoral baseado no "um homem, um voto". Isto é, o sufrágio universal livre, direto e secreto.

Mandela também enfrenta a divisão entre tribos negras que lutam entre si pelo poder. Apesar do CNA ser amplamente representativo (tem pelo menos 400 mil associados), sofre a oposição do grupo "Inkhata", que, segundo Mandela, mantém vínculos com o governo branco.